

PERFIL DA UNIVERSIDADE BRASILEIRA

José Augusto Pereira Zeka*

SUMÁRIO - 1. Preâmbulo. 2. A Universidade não é um sindicato universal. 3. A Universidade não é uma repartição pública. 4. A Universidade não é um partido político. 5. Meio de revolução do saber pode alimentar com idéias e descobertas os sindicatos e corporações profissionais, a administração pública e privada, a democracia ou as instituições políticas. 6. Em si e para si – numa linguagem hegeliana – não se confunde com estes modos de convivência ou evolução humana, embora estabeleça fins para a consciência social e o progresso do homem. 7. Na Universidade se cristaliza e se expande a consciência como domínio intelectual do ser e do mundo no espaço e no tempo. A consciência como ciência e arte no sentido do infinito humano, de que acrescenta, sempre, mais um passo, mais um número, mais uma dimensão, mais um ponto conhecido no desconhecido.

- 1 -

Preâmbulo – Quando falamos ao mundo da inteligência superior, mesmo em cerimônia gratulatória, estarão diante de nós os problemas fundamentais. Aqui não expomos o resultado de experiências, ainda as mentais, e sim as nossas indagações, as que permanecem.

Alguns conceitos de negação nos envolvem a mente quando o objeto do pensamento é a Universidade brasileira nesta década de 80.

Estes conceitos negativos não representam sentenças de julgamento, mas testes de verificação para que se alcance o núcleo vital, o que assegura a permanência de sua existência e vida.

- 2 -

A Universidade não é sindicato.

Não se distingue como espécie definida para se constituir em corporação.

* Professor emérito da Faculdade de Direito da UFG.

A Universidade se compõem de partes integrantes como o professorado, o alunato e a estrutura burocrática de sustentação.

Não se destina a realizar objetivos próprios de cada um dos seus elementos constitutivos.

Os seus fins de Universidade, ao contrário, determinam a posição e a dinâmica das partes constituintes, que são meios para a Universidade e não a recíproca.

À medida que a Universidade se aprofunda em suas metas de ciência, tecnologia e arte com a mobilização de recursos materiais e humanos eleva, como um todo, o nível dos fatores integrativos (professores, alunos, funcionários).

O fim da Universidade – criar a ciência e a tecnologia e a arte, o desenvolvimento intensivo e expansivo – é a determinante, a idéia-empuxo que arrasta a galáxia das possibilidades científicas, tecnológicas, artísticas.

A Universidade se desnatura se o laboratório, a sala de aula, o campo de experimentação, a biblioteca, o anfiteatro, o teatro, o pensamento onipresente são predominantemente substituídos pelas reuniões e assembléias concentradas em debates corporativos galvanizadas pelo teor reivindicatório.

O seu empuxo é o da luta intelectual e artística para inventar mais técnicas, processos, formas de se apropriar dos segredos da natureza e do homem, sob a lei do máximo de descobertas com os meios realmente existentes e disponíveis.

Sem a ilusão conformista de que se descobrirá apenas se as condições gerais do homem e da natureza forem primeiro alteradas ou transformadas.

A Universidade é uma condição permanente de revolução científica, tecnológica e artística.

– 3 –

A Universidade não é repartição pública.

Degrada-se a Universidade quando funciona como agência expedidora de diplomas ou certificados de habilitação profissional.

Quando seus agentes principais, os mestres, se autolimitam como funcionários executores de tarefas repetitivas e padronizadas.

O professor não pode ser formado, classificado, disciplinado e controlado por atos mecânicos de currículo escolar, e sim pelo domínio do conhecimento, da técnica do conhecimento, da progressão do conhecimento.

A formação, a técnica, a classificação, a disciplina e o controle do aprendiz ou do formando precisam ser os do conhecimento apreendido e vivido com as exigências inerentes ao ato rigoroso e cultural do conhecimento.

É o contínuo conhecer, o profundo conhecer, o entusiástico conhecer a razão de ser dos livros, dos laboratórios, campos de experimentação, do caminhar peripatético.

Universidade repetitiva, padronizada, condescendente, mediocre, superficial, agenciadora exclusiva de diplomas e certificados é repartição pública, no estilo dormente das repartições públicas do Brasil, e não Universidade.

– 4 –

A Universidade não é partido político.

Não tem registro no Tribunal Superior Eleitoral o Partido da Universidade Brasileira (PUB).

A mudança da forma de organização do poder (república, monarquia), do sistema de governo (presidencialismo, parlamentarismo), ou do regime político (democracia, ditadura), podem ser temas de ciência ou de arte na investigação universitária, não os objetivos da ação concreta e social da Universidade.

Esta é o anfiteatro interminável da liberdade e não o diretório municipal, regional ou nacional de um partido político.

A verdade, para os dogmáticos do norte e sul e do leste e oeste, é única.

Os crentes da verdade única cultuam a totalidade da parte.

O partido, para eles, é instrumento da verdade total.

Totalização que, por esta lógica formal, transfundiria a Universidade em meio ou atividade meio para a concreção da verdade única materializada no partido.

O dogmatismo, religioso ou pseudocientífico ou pseudo-artístico, nega a ciência como a descoberta permanente do desconhecido do homem e do ser.

O dogma da revelação da verdade única a um selecto corpo de iluminados e vanguardistas não é ciência.

A Universidade é o campo limitado da liberdade para o homem se autoconhecer e se apossar da verdade múltipla do mundo.

E não há liberdade onde se imobiliza o desconhecido em símbolos e ídolos.

A ciência não é mera demonstração de idéia determinada que estratifica o interesse particular.

A ciência se impulsiona e conduz à procura ansiada de soluções de equilíbrio para os problemas de tornar o homem um ser pleno.

As idéias aperfeiçoadas nesta criatura humana dirigem as pessoas ao martírio, à batalha, à conquista, à morte.

Estas idéias se fazem bandeiras e armas de exércitos e heróis.

Nos anfiteatros, átrios, pórticos, murais, corredores e auditórios da Universidade as idéias são discutidas, refutadas ou refinadas, porque a Universidade é o cenário da livre investigação e não o templo de uma scita.

– 5 –

Para os amigos da moderna sociologia, a infra-estrutura determina a superestrutura, na qual se classifica a ciência e a arte.

Para os amantes da novíssima cibernética, o efeito pode condicionar a causa ou a superestrutura produzir retroefeitos sobre a infra-estrutura.

Nem estes nem aqueles têm a propriedade privada da verdade.

Contudo, impressiona-nos como indicação de certo imperativo da necessidade o de que a Universidade seja agente de desenvolvimento como, por exemplo, criador de tecnologia.

O conhecimento é uma galáxia enquanto associa, funde e transmuta bilhões de dados.

O conhecimento é força gravitacional ao atrair em equilíbrio bilhões de linhas ou partículas da realidade.

O conhecimento da nossa realidade é a razão de ser do viver da Universidade.

Para alguns holistas ou deterministas, a Universidade deve esperar a mudança política da realidade para se começar a verdadeira Universidade sob condições materiais transformadas.

Generalização amplíssima que serve de álibi para alienar no momento a Universidade dos seus fins para adaptá-la como dispositivo de luta sindical ou partidária imediata.

A Universidade está, porém, vinculada à história e ao povo tanto agora como sempre.

Os recursos que a mantém partem do povo a que se vocaciona.

O conhecimento científico muda e se transforma ao girar do ponteiro do tempo presente, em cada centro de estudo e pesquisa do universo inteligente.

Em cada canto de cada cidade e agrupamento humano do país a necessidade germina exigências de vivência e sobrevivência na escala do indivíduo e da sociedade.

A Universidade, como consciência do ser e do homem, deve saber para solucionar.

E a solução é a tomada dos meios para realizar o homem.

Tomada que se opera no tempo do hoje e do amanhã fundamentalmente com o conhecimento, desde o puro ao aplicado, da ciência e arte à tecnologia nas suas variações infundáveis.

Ai se planta a Universidade como senhora e possuidora deste conhecimento.

Que lhe infunde a energia e a função de agente do desenvolvimento por que toda solução teórica e prática é desenvolvimento.

Colocamos nesta vanguarda o fim da Universidade.

- 6 -

Mas o tempo da Universidade Federal de Goiás é o tempo pré-industrial e o seu espaço é o Centro-Oeste agora mutilado pelo Estado do Tocantins.

Quanto mudou a cultura de Goiás e do Oeste central com o nascimento e a consolidação da Universidade Federal de Goiás!

Sobretudo ao sabermos nos 80 o quanto não tínhamos nos 60!

Cientes e conscientes do que nos falta relativamente os meios para o fim de fermentar a consciência de virmos a ser o alimentador da pátria.

Desde anos vividos com intensidade se racionalizou a necessidade de enxertar a Universidade Federal de Goiás no seu tempo e no seu espaço histórico e geográfico.

Com mais cérebro do que dinheiro, ou mais verba do que cérebro, ou tanta verba quanto cérebro, a nossa Universidade defrontou a profundíssima questão de converter a sub-fertilidade.

Com a ciência dos seus agrônomos, veterinários, biólogos, mineralogistas, administradores, economistas, juristas, médicos, farmacêuticos, bioquímicos, advogados, geógrafos, historiadores, estatísticos, contadores, filósofos, músicos e artistas, com ensino e pesquisa, pesquisa e ensino, intuição e dedução, experimentação e visão, indica, aperfeiçoa, cria, inventa, ordena, coordena, principia, tenta, experiencia fórmulas, processos, instrumentos, aparelhos, materiais, elementos e princípios para tornar possível, econômica e socialmente, a colonização, a exploração útil, a produção em 180 milhões de hectares de terras do Centro-Oeste e em mais de dois terços das terras de Goiás.

Propagar, discutir, questionar, diagnosticar, prognosticar, imaginar disciplinarmente e interdisciplinarmente, unidade por unidade universitária, em bloco ou em grupos, na amplitude da Universidade, esta em si e esta para a sociedade, como o poderoso agente catalístico ou propulsor.

A base da agroindustrialização do Centro-Oeste.

A base da pós-industrialização do Centro-Oeste.

Meta, como toda inovação transformadora, mais utópica do que realística em sua concepção, uma utopia, porém, em que o elemento de realidade que entranha destruirá o que contém de utópico.

Idéia puxadora do progresso que impedirá, por exemplo, a monstruosidade de se industrializar o Distrito Federal, industrialização artificial que atrofiará o desenvolvimento de Goiás e do Centro-Oeste, que deformará a função administrativa da capital federal, que inibirá a fixação no interior da região de milhões de pessoas produtoras.

- 7 -

Não são lições de quem encerrou suas atividades ordinárias no mundo universitário e sim um impulsionamento que prossegue o que há de permanente ou perpétuo na Universidade.

Sobre todos os valores e em todos os valores que no seu recesso ou intimidade se caldeiam, o mais intenso, o mais criador, o mais transmutador é o do pensar livre, sem a algema do dogma e o medo do erro ou desvio, experimentador das alternativas possíveis e aparentemente impossíveis, o privilégio da mente que investiga, o privilégio essencial que a verdadeira democracia sacraliza como antídoto orgânico contra todas as ditaduras, mesmo as que se prometem salvadoras.